

D. JOÃO DA CÂMARA

---

TEATRO COMPLETO

---

II



---

MMVI

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

*Título:* Teatro Completo  
Vol. II

*Autor:* D. João da Câmara

*Edição:* Imprensa Nacional-Casa da Moeda

*Concepção gráfica:* Departamento Editorial da INCM

*Revisão do texto:* Paula Lobo

*Tiragem:* 800 exemplares

*Data de impressão:* Abril de 2006

*ISBN:* 972-27-1467-8

*Depósito legal:* 235 272/05

D. JOÃO DA CÂMARA

---

TEATRO COMPLETO

---

II

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA

2006

# OS VELHOS

**Comédia em 3 actos**

Representada, pela primeira vez, no Teatro de D. Maria II, em 11 de Março de 1893. Distribuição de actores: Manuel Patacas — *Eduardo Brásão*; Prior — *João Rosa*; Bento — *Joaquim Costa*; Porfírio — *Augusto Antunes*; Júlio — *Ferreira da Silva*; Emília — *Virginia*; Ana — *Emília Lopes*; Narcisa — *Emília Cândida*; Emilinha — *Rosa Damasceno*.



# Theatro de D. Maria

## OS VELHOS



Apeça Os Velhos, infinitamente inferior aos comprovadíssimos talentos do sr. D. João da Camara, é a urdidura banal de um caso ultra-banal do namorico, falho de todo o interesse, e, como está, pessimamente explicado logo onde não se acham phrases arrancadas á verdade; fakes, refalsos, refalsissimos no seu desenho, refalsissimos no seu dialogo, cujo actor, o bom excepção de João Rosa que faz bem um personagem, que não existe; de Ferreira da Silva, cujo vivo talento não consegue supprir no personagem as lacunas, o disfarçar-lho os aleijões; e o mesmo por banda das acritzes, excepção aberta para Emilia Candida, que é a unica que viu povo—ou o adivinha... Ah, pobre Povo! pobre Povo! Quando te querem sondar a alma, fazem de ti uma caricatural Quando te querem mostrar alegre, ou se mostram bebado ou júlota!

Se alguma coisa poderemos pedir ao sr. D. João da Camara, cujo talento é de primeira ordem, pedir-lhe-bianús isto: que riscasse immediatamente da sua bibliographia tão distincta, o as esquecesso para todo o sempre, as paginas consagradas nos Velhos.

## Um grande escandalo

(Substancioso artigo politico)

Não ha meio de endireitar este desgraçado paiz. Está tudo pôdre: as consciencias e as maças camoezas.

Onde iremos parar? Ninguem o sabe.

Os escandalos succedem se numa pavorosa roda viva, numa furia insana de acabar com tudo isto. Hoje ainda somos portugueses com o auxilio da Inglaterra; mas amanhã anda a roda, e teremos o territorio retalhado como um lombo de porco em viabo e alhos, partilhado pela cubiça internacional que ha muito nos mostra a dentuça hervada, cravando-a no nosso credito, maldizente e calumniadora.

Ha poucos dias a opinião foi sobresaltada por um d'estes escandalos, que brada aos ceus. Nem mais nem menos do que isto: um poeta, um d'estes homens que vivem na lua, foi nomeado chefe do expediente dos Caminhos de ferro do Ultramar. Esse homem é um tal D. João da Camara, que ninguem conhece, e que nos dizem ser auctor de varios entremezes.

A isto chegámos!



Um homem que não é bacharel, que nunca usou chapéu alto, que nunca escreveu um artigo de fundo, que nem regedor foi, um simples poeta, guindado ás culminancias da burocracia com benesse superior, ao que nos consta, a quatrocentos mil réis annuaes!

Ouve-se, lê-se, e não se acredita! Mas lá está o *Diario do Governo* para desempoeirar os olhos aos incredulos.

Para o inaudito acontecimento não tem sido encontrada razoavel explicação por parte dos nossos collegas da imprensa moral, civil e politica. Mas nós, que em argucia somos o que os leitores têm visto, conseguimos, á custa de um trabalho enorme, em que dispendemos talento que nos devia chegar para tres mezes, obter a chave do bahu do enyigma.

E vamos mostrar a chave, para que o povo saiba como é desbaratado o seu dinheiro, o suor do seu rosto, a pelle que lhe arrancam a tiras com onerosissimos impostos.

O Governo, não sabendo como vencer as eleições em alguns circulos onde os republicanos contavam com maiorias esmagadoras, chamou o Sr. D. João da Camara, ao qual propoz o seguinte negocio: dispensar D. João a sua influencia aos candidatos regeneradores em alguns circulos, recebendo da dadivosa mão do Sr. Ministro da Marinha o apeteccido diploma.

D. João da Camara arceudou, e assim obteve o Governo excellentes votações nos circulos onde D. João mandou voar os personagens das suas pedras.

No Porto votaram todas as figuras do *Alcacer-Kibir*, incluindo a Sancha Mocha, os do *Afonso VI* e os dos *Velhos*.



Em Lisboa e Loures votaram os da *Triste Viuvinha* e até o filho do Sr. Rebello que, como se sabe, era morto; e os da *Meia Noite*, havendo escandalo grosso por causa do *Sursum Corda*, que se apresentou com uma caraspána tremenda de *vinho branco*.

Eis um lindo quadro da moralidade administrativa e da moralidade litteraria. Para que carregar-lhe as côres?!

O povo que pense no futuro que o espera. E o Sr. D. João da Camara, transformado em S. João das Camaras, conte comnosco — p'rá socéga!



## OS VELHOS

*PERSONAGENS:*

MANUEL PATACAS, 74 anos  
O PRIOR, 87 anos  
BENTO, 74 anos  
PORFÍRIO, 75 anos  
JÚLIO, 27 anos  
EMÍLIA, 71 anos  
ANA, 70 anos  
NARCISA, 75 anos  
EMILINHA, 19 anos



*Santo António das Areias, 1878-1879.*

### ACTO I

*Em casa de Manuel Patacas. Quarto muito caiado. Mobília antiga. Ao fundo, à esquerda, porta de entrada com postigo. Ao fundo, à direita, cama de casados que um cortinado de chita de ramagens esconde ao espectador. Porta da cozinha, à esquerda. À direita baixa, uma escada muito empinada conduz ao andar superior.*

### CENA I

**PATACAS, BENTO e ANA**

*(Bento acaba de fazer a barba ao Patacas, guarda a navalha e dobra a toalha.)*



PATACAS — Pois, amigo Bento, nunca mais me faz a barba sem que a mana esteja presente.

BENTO — Então porquê, Sr. Patacas? Ora essa!

PATACAS — É que você, quando fala, alanha-me sempre e, quando a mana está, você não fala.

ANA — Ora veja se lhe caiu algum dentinho!

BENTO — Tem muita graça!... É bem verdade que uns são filhos de Deus e outros... A Sr.<sup>a</sup> Ana entendeu dever de ficar para tia, e o pobre Bento nem para tio ficou.

PATACAS (*rindo*) — Ó mana Anica, porque foi que o Porfírio?... A mana não era para desprezar.

BENTO — Para desprezar...? Isto!... Ainda hoje...! Maldito mestre-escola!

PATACAS — O segredo do Porfírio...! Dava uma tapada para sabê-lo!

## CENA II

### Os mesmos, EMÍLIA e NARCISA

(*Narcisa traz um grande alguidar com a comida dos porcos.*)

EMÍLIA — Ora Deus o salve, Sr. Bento.

BENTO — Sr.<sup>a</sup> Emília, saúde. Andamos então a lidar no governo da casa?

EMÍLIA — Julguei que os primeiros cabelos brancos fossem o sinal do descanso; foram-se os últimos pretos e eu sempre a mourejar!

NARCISA — E, quando Deus quer, a dar à língua.

EMÍLIA — Começas tu! Sempre estás mais rabugenta! Já lá vamos aos bacorinhos.

NARCISA — Estão as pobres alminhas à espera já há que tempos!

EMÍLIA — Ai, Sr. Bento! Ele é a casa, é os bácoros, é o forno...! Se não fosse minha irmã...

BENTO — E a netinha, que já vai ajudando, e a netinha.

EMÍLIA — Essa lá foi para a queijeira. Está uma rapariga como se quer.

PATACAS — Lá isso...! Quem quiser boa dona de casa...

ANA — Querida santinha! Deus lhe depare um bom marido.

BENTO — Amém, Jesus. Pede para os outros o que não quis para si.

ANA — Olhem para a prenda que me trazia! Seriedade nem raça e dívidas um crivo!

BENTO — Também o Sr. Patacas tinha, quando casou, mais dívidas na herança dos pais do que tem hoje castanhas nos soutos da serra.

PATACAS — É verdade.

BENTO — E, se eu tivesse encontrado uma esposa bonita como a Sr.<sup>a</sup> Ana, arranjadinha, que nas horas amargas da vida, como quando, por exemplo, dei o lanho no Sr. Administrador, me amparasse, me consolasse, me beijasse, talvez, a estas horas, também tivesse o meu souto, a minha vinha, o meu centeiozinho, e, em vez de passar os dias fazendo barbas a vintém, tinha boas manhãs, ao sol, vendo engordar os bacorinhos, e boas tardes na adega, provando o vinho novo.

PATACAS (*para Emília*) — Vês como se engana? Pensa em casar para o ripanço! (*Para Bento.*) Eu casei... para o trabalho.

EMÍLIA — Agradece a Deus a sua ajuda, meu Manuel.

PATACAS (*abraçando-a*) — E a ti, a esse teu olhar onde fui buscar a coragem. Deus paga a esmola a cem por um, e a terra, obra de Deus, é como ele para pagar-nos. Dizem que é a mãe de nós todos, mãe porque nos alimenta, mas eu quis-lhe como a filha; primeiro pelos teus olhos, depois... pela filha que Nosso Senhor nos levou.

EMÍLIA — Bendito seja o seu nome.



PATACAS (*descobrimdo-se*) — Para sempre seja bendito. (*Continuando.*) Quando a Emilinha nasceu, era já morto o pai; a pequena para ter vida roubou a vida à mãe. Uma noite de Agosto quente, estrelada... A pequenina a chorar no berço...! Havia queimadas em Espanha, e o vento do nascente entrava às lufadas pelo quarto, tão quentes que abrasavam. A inocentinha chorava... Nascera sem pai que lhe ganharia o pão, e a teta, onde havia de chupar o leite, a vida dos pequeninos, murchara num cadáver!... Senti no coração nem sei o quê! Ser avô, dizem, e é verdade, é ser duas vezes pai. Tinha de viver... vivi. Peguei na enxada e fui por esses campos, até lá abaixo ao Sever, desviar as águas. A terra sôfrega começou a beber, a beber... Eu olhava para as estrelas... Devia de haver mais uma, essa noite lá no céu... E chorava a minha filha regando a minha horta. Nessa hora de angústia fui trabalhar na terra... porque a terra é nossa mãe.

EMÍLIA — E haver quem nos venha tirá-la!... Deus lhes perdoe.

PATACAS — Trabalhando ganhámos o dote da nossa filha, aumentámos o da nossa neta.

ANA — Querida Emilinha! Dê-lhe Deus um marido que lhe conserve os bens.

NARCISA — E dê-lhe também uma alma cristã para com os animais. Não fosse eu, e morriam de fome os meus ricos meninos.

EMÍLIA — Ó mulher, pareces mãe dos bacorinhos!

NARCISA — E que o pareça? São órfãos! Comeram-lhes a mãe o ano passado! Vem comigo, Sr.<sup>a</sup> Ana? (*Encaminha-se para a porta.*) Bom! Agora o Prior!

### CENA III

Os mesmos, o Prior e Porfírio

PRIOR (*pelo braço de Porfírio*) — Salve-o Deus, Patacas. Venho com más novas.

PATACAS — Más novas, Sr. Prior?

PRIOR — O meu meloal!... É também atravessado pelo caminho-de-ferro!

BENTO — Temos todos então as mesmas razões de queixa.

PORFÍRIO — *Solatium est miseris.*

PRIOR — Ó Sr. Porfírio, menos latim, se faz favor. Só eu é que o entendo... E daí não entendo tal. Ai! Eu já não sei nada!... O meloal atravessado!

EMÍLIA — Tenha resignação, Sr. Prior. Mais sofreu Nosso Senhor Jesus Cristo.

PRIOR — Bem sei; mas ao menos no seu tempo havia respeito pela propriedade.

ANA — Não havia engenheiros nem engenhocas.

NARCISA — Pedreiros-livres.

BENTO — Ladrões com o código nas mãos.

PORFÍRIO — Homens de ciência, mas sem consciência.

EMÍLIA — Não havia esta falta de respeito que vemos agora.

PRIOR — Mas havia moralidade, havia religião.

BENTO — Na volta do trabalho, há dias, passaram três deles por mim.

NARCISA (*benzendo-se*) — Credo!... Espírito Santo!

BENTO — Sabem vossemecês em que vinham falando?

AS MULHERES (*cercando-o, com curiosidade*) — Não, senhor, não, senhor.

BENTO — Nem eu. Falavam francês ou outra qualquer língua de hereges! Sempre queria que me explicassem se para dizer pão, Nossa Senhora, vinho, ou outra qualquer palavra santa pode servir uma língua de trapos, que nem o demónio entende.

NARCISA e ANA — Está visto, está visto!



PATACAS (*irónico*) — Está visto! Está visto!... Vamos então, como crianças, chorar, queixar-nos de braços cruzados! E anda por aí esse bando, pisando as nossas searas, demolindo as nossas vedações, atravessando as nossas propriedades, passando junto de nós, os donos!, com o chapéu na cabeça! Não me teria calado, se não tivesse o meu plano.

EMÍLIA — Desconheço-te, homem!

ANA — Se é do mano, deve ser bom, a não ser que o Sr. Porfírio o tenha melhor.

PATACAS (*para Narcisa*) — Os teus meninos esperam. (*Para Emília e Ana.*) Ide, santinhas, ide aos vossos negócios. Preciso estar entre homens; quero rogar uma praga à minha vontade, se for preciso. Até logo.

PORFÍRIO (*cumprimentando Emília*) — Até logo, comadre.

EMÍLIA — Até já, compadre.

ANA — Sr. Porfírio, até logo.

BENTO — Sr.<sup>a</sup> Ana, adeus.

#### CENA IV

##### PATACAS, BENTO, o PRIOR e PORFÍRIO

PRIOR — Olhe lá, amigo Bento, se você tem consigo a navalha... Amanhã digo missa de Nossa Senhora e preciso da barba feita. O Patacas dá licença. Quero pedir auxílio a Deus em lance tão difícil.

BENTO — Às ordens. Trago tudo comigo.

PORFÍRIO (*encaminhando o Prior*) — Sente-se aqui, Sr. Prior.

PATACAS — Um desgosto assim na nossa idade...!

PRIOR — Vocês estão uns rapazes. (*Sentando-se.*) Obrigada, Sr. Porfírio. Mas eu que já tenho oitenta e sete! A mim... a mim é que isto mata!

BENTO — Quando vi aquela cáfila entrar pelo meu centeio...! Uma bandeirola na mão é um rei na barriga! Mais alto a cabecinha, Sr. Prior. *(Começa a barbeá-lo.)*

PATACAS — Lágrimas, queixas, zangas...! Destemperos que para nada servem. O que nós temos que fazer é desde já ir a Marvão consultar o Dr. Rolinha.

PORFÍRIO e BENTO — Apoiado.

PRIOR — Aprovo. O Rolinha é homem sério e muito capaz de os enredar a todos.

PATACAS — Expomos-lhe o caso, explicamo-nos com respeito a preços... Um por todos, todos por um. É preciso não exagerar as pretensões.

PORFÍRIO e PRIOR — Apoiado.

BENTO — Escanhoadinho, Sr. Prior?

PRIOR — Estou daqui ouvindo a tal máquina, a Besta do Apocalipse, a vomitar lume por esses campos agora tão quietinhos. Vocês não sabem como Nosso Senhor foi misericordioso contentando-se com levar-me os olhos. Gostava tanto de ir por aí fora até ao Sever, sentar-me junto ao rio, debaixo da minha cerejeira! Quando era novo... assim da vossa idade, não via o que ora vejo, que já não vejo senão para dentro, e assim revivo da minha mocidade. Às vezes, lembro-me de cantigas muito velhas, e a bulha do rio a cair nas mesmas cachoeiras parece que lhes bate o compasso; os grilos e os ralos cantam como dantes, e até os lobos a uivarem de noite uivam como os lobos do meu tempo. Agora o monstro a apitar há-de calar os pobres bichinhos, e a ponte que vão fazer vai mudar o curso ao rio! *Isto é que é triste, ainda mais triste do que não ter melões.* Basta ao correr do pêlo, amigo Bento.

PORFÍRIO — No fim da vida, quando, à custa de cruéis sacrifícios, se conseguiu comprar uma triste tapadinha...

PATACAS — Pois também por lá?

PORFÍRIO — Ao meio! Mesmo ao meio! *In medio virtus*, diziam os antigos. Agora mudaram tudo. *In medio...* caminho-de-ferro!